

Corpos negros, negras vestem

Nascimento, Edna Maria do; PhD; Universidade Federal de Sergipe, edamn@hotmail.com¹

A presente pesquisa visa estabelecer a relação entre moda e o discurso que marginaliza e estigmatiza o corpo da mulher negra nas consultorias de moda. Em pesquisas bibliográficas, percebemos que as consultorias de moda propunham uma estrutura corporal que visava esconder as formas curvilíneas do corpo feminino, sobretudo os quadris, disfarçar as formas femininas consideradas profusas, e reduzir o uso de cores e acessórios que estariam associados à figura da mulher elegante. Essa diretriz suscita uma reflexão sobre o corpo feminino e traz à tona, sobretudo, a reflexão sobre o lugar do corpo da mulher negra na sociedade, e como a moda por muito tempo ditou normas de um padrão europeu de apresentação do corpo feminino, configurando-se em um viés de apagamento e negação da cultura de um povo. Esse discurso traz implícita a negação da existência de um povo, pois o corpo preto é um corpo político, cujos traços corporais e faciais foram negados e classificados de feios, ou seja, fora dos padrões, fora da moda. Todo discurso revela um desejo e uma vontade de poder, como nos diz Foucault (1998). Compreender essa dinâmica predominante na moda é buscar elucidar as relações de poder na sociedade. Assim, a mulher negra torna-se seguidora da moda, um verdadeiro expoente do corpo-para-o-outro, como dizia Sartre (2015), buscava dessa maneira, entre outras coisas, a aceitação social e o respeito no ambiente de trabalho. O formato ideal proposto pelas consultorias consistia em um formato de corpo denominado de ampulheta - quadris e ombros proporcionais, mas apesar de o corpo da mulher negra possuir predominantemente esse formato, a métrica consistia em um ideal eurocêntrico, então, esconde-se os quadris e seios, considerados grandes demais, esconder e disfarçar torna-se regra, em um processo de disjunção entre corpo e vestimenta, em uma negação da existência desse corpo feminino e negro. Aos homens é dada a liberdade de celebrarem seus corpos, a conjunção entre corpo e vestimenta exalta a existência do ser social. Embora, ao homem negro, haja a hipersexualização do seu corpo, coube somente às mulheres esconder ou disfarçar as suas formas, caracterizando um corpo amorfo, inexistente socialmente, sem um discurso sobre ele. A mulher negra se constitui como o

¹ Doutora em Artes pela Universidade de São Paulo, é docente adjunto da Licenciatura em dança, da Universidade Federal de Sergipe. Tem experiência na área de Artes e Figurino. Atua, principalmente, na área de Produção de Figurino para Dança, História da Arte, Moda e Filosofia, História da Dança e Estética.

outro do outro, como Kilomba (2019) alertara, e este discurso se estende sobretudo ao seu corpo. Desqualifica-se o uso das cores das roupas, e o colorido dá lugar aos beges e todos os tons neutros, em uma negação da cultura africana, onde a cor é associada à história do povo, neutraliza-se o uso das cores em prol de uma elegância planejada. A moda enquanto cultura material, necessita de estudos que abordem os diversos fatores que serviram para o apagamento de culturas que foram marginalizadas por muitos séculos, ela tem singularidades que fogem da superficialidade, e isto não é novidade nas culturas afrodescendentes de costume igualitário, pois o que está à superfície, demonstra as características de quem veste, a vestimenta é uma mensagem sobre aquilo que a pessoa acredita ser, e assim, o apagamento de uma cultura também se dá pela supressão da forma como este corpo se apresenta, dos acessórios que utiliza, os trecos, conforme Miller (2013) que constituem a cultura material, que dão identidade, e são a celebração de um povo, com seus exageros de cores e formas.

Palavras-chave: moda, corpo feminino; corpo negro